

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

**TESTEMUNHAS-MENSAGEIROS
DA ALEGRIA DO EVANGELHO**

Declaração do XXV Capítulo Geral

ROMA 2015

Declaração do XXV Capítulo Geral da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (Missionários Claretianos), celebrado em Roma, de 24 de agosto a 16 de setembro de 2015 (cf. *Annales Congregationis*, vol. 72-II, 2015).

SIGLAS

AA	Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> (1965)
AG	Decreto <i>Ad Gentes</i> (1965)
Aut	<i>Autobiografia</i> de santo António Maria Claret
CC	<i>Constituições</i>
CdC	Instrução <i>Caminhar a partir de Cristo</i> (2002)
Dir	<i>Diretório CMF</i>
EC	<i>Epistolário Claretiano</i>
EG	Exortação apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> (2013)
EN	Exortação apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i> (1975)
HAC	<i>Homens que ardem em Caridade</i> (2009, XXIV Capítulo Geral)
LS	Encíclica <i>Laudato Si'</i> (2015)
MCH	<i>Missão do Claretiano Hoje</i> (1979, XIX Capítulo Geral)
MV	Bula <i>Misericordiae Vultus</i> (2015)
PTV	<i>Para que Tenham Vida</i> (2003, XXIII Capítulo Geral)
RM	Encíclica <i>Redemptoris Missio</i> (1990)
SP	<i>Servidores da Palavra</i> (1991, XXI Capítulo Geral)
VC	Exortação apostólica <i>Vita Consecrata</i> (1996)
VD	Exortação apostólica <i>Verbum Domini</i> (2010)

Introdução

1. Somos Missionários! A Missão pertence à nossa identidade mais profunda¹. Recebemos do Espírito um carisma que nos configura com Jesus e nos assemelha aos apóstolos, em comunhão de vida, totalmente entregues ao Pai e ao Reino (cf. *CC* 3-4). Há cento e cinquenta anos, em 1865, a nossa comunidade claretiana viveu uma alegria ímpar: a Igreja aprovava as nossas Constituições e reconhecia jubilosamente que a nossa Congregação de Missionários era um dom do Espírito. Hoje também, com enorme regozijo, proclamamos agradecidos, como Maria, a grandeza do Senhor.
2. A Igreja do Vaticano II recuperou com veemência a conceção trinitária da Missão (cf. *AG* 1-4) e descobriu-se colaboradora da Missão de Deus. Nestes últimos anos, sentimo-nos deveras interpelados pela exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, fruto do Sínodo dos Bispos de 2012, que se dedicou à nova evangelização e à transmissão da fé. A Missão não constitui uma parte ou mais uma dimensão da vida; nem é um adorno ou algo de que se possa prescindir. Como discípulos de Jesus, fomos vocacionados para iluminar, bendizer, vivificar, levantar, sarar e libertar as pessoas (cf. *EG* 273). Como Claret, fomos ungidos para anunciar a Boa Nova aos pobres². Existimos no coração do Povo de Deus, para viver a Missão. Por tudo isso, a Missão ultrapassa os ministérios que exercemos: é o núcleo da nossa vocação (cf. *HAC* 37) e marca a nossa espiritualidade, orienta todo o processo formativo, determina os nossos estilos de vida comunitária, animação, governo e organização económica, e manifesta-se em presenças e serviços, que nos esforçamos por adequar às características do tempo, contextos e culturas. A exemplo da Igreja (cf. *EN* 14), só temos sentido à luz da Missão: na busca incessante de que Deus Pai seja conhecido, amado, servido e louvado por todos³, e de que o Reino - seu desígnio de amor para a humanidade e a criação - se converta em plena realidade.
3. Como dom do Espírito, a nossa participação na Missão:
 - 1) Nasce da sua ação em nós⁴, de modo especial através da Eucaristia e da Palavra de Deus escutada, orada, partilhada e oferecida aos demais⁵, e impele-nos a viver numa atitude constante de escuta e de discernimento, procurando na vida quotidiana e no futuro do mundo os sinais da presença do Reino⁶.
 - 2) Outorga-nos a imensa dádiva da comunidade missionária, impelindo-nos a viver em profunda comunhão (cf. *CC* 4, 10) e a transformar a nossa fraternidade no primeiro testemunho missionário⁷.
 - 3) Torna-nos “comunidades em missão”, pelo que cada atividade, tarefa e ministério se hão de realizar de modo que todos os vivamos como nossa herança, e que cada um realize esses encargos em nome da comunidade, sabendo-se e sentindo-se enviado por ela⁸.
 - 4) Tem uma expressão privilegiada na qualidade das nossas vidas (cf. *EG* 259), chamadas a testemunhar a primazia absoluta de Deus e do seu Reino, a preferência divina pelos pobres, pelos débeis e empobrecidos, e o valor sagrado dos direitos humanos, da Criação e de toda a vida⁹.

¹ Cf. *CC* 2; *Dir* 26.

² Cf. *CC* 39; *MCH* 58.

³ Cf. *CC* 40; *Aut* 233.

⁴ Cf. *EG* 12, 112; *MCH* 146; *HAC* 16, 29.

⁵ Cf. *CC* 12, 34-35; *HAC* 54.1, 59.

⁶ Cf. *CC* 34; *Dir* 106-107; *HAC* 54.4.

⁷ Cf. *Dir* 36, 104; *HAC* 16.

⁸ Cf. *CC* 13; *MCH* 139; *HAC* 57.

⁹ Cf. *EG* 198-201; *LS* 158, 207, 216-221.

- 5) Anuncia explicitamente Jesus Cristo e o seu Reino (cf. *EG* 45, 110), em atitude de diálogo, e convida-nos a estar disponíveis e preparados para chegar às fronteiras existenciais, geográficas, sociais e culturais da evangelização, e contemplar a realidade a partir delas (cf. *EG* 30).
 - 6) Vincula-nos aos demais discípulos, convidados também a participar da Missão, à Igreja universal e às Igrejas particulares, e a milhões de homens e mulheres de boa vontade, empenhados em transformar o mundo segundo o desígnio de Deus¹⁰.
4. O nosso carisma exige que sejamos totalmente de Deus e vivamos plenamente entregues ao seu Reino¹¹, como Jesus consagrado e enviado¹², e a exemplo de Maria, primeira discípula e mãe de discípulos (cf. *MCH* 150-151). A nossa vivência dos conselhos evangélicos possui uma explícita dimensão missionária.

¹⁰ Cf. *CC* 6, 46; *HAC* 4, 22.

¹¹ Cf. *CC* 159; *Dir* 102.

¹² Cf. *CC* 3; *MCH* 55.

I

INTERPELAÇÕES DE DEUS NO NOSSO TEMPO

“Eis que estou à porta e chamo...” (Ap 3, 20)

5. Vivemos tempos de interconexão. Mais do que noutras épocas, a humanidade está consciente da relação existente entre as diversas dimensões da realidade e da vida, e do destino comum dos povos. Do Senhor –“amigo da vida” (*Sab* 11, 26) – “é a terra e a sua plenitude, o mundo inteiro e todos os que nela habitam” (cf. *Sal* 24, 1). O nosso Deus, com a sua presença misteriosa, fala-nos e questiona-nos através da sua criação, da humanidade, dos povos e da sua Igreja. Ao Senhor ressuscitado foi dado todo o poder. Ele está connosco até ao fim dos tempos (cf. *Mt* 28, 20). O seu Espírito, Senhor e Doador da Vida, interpela-nos com gemidos inefáveis. A Igreja, povo de Deus, sente essas palpitações, discerne-as e no-las propõe. Como comunidade missionária, sentimo-nos interpelados por:

O GRITO DA MÃE TERRA

6. Estamos suficientemente conscientes – também, a nível de Igreja - do que se passa com a nossa “mãe Terra”: a perda de biodiversidade, a deteriorização da qualidade de vida, a degradação social e a iniquidade planetária (cf. *LS* 17-61). Somos uma só família humana. Mas enquanto muitos tudo submetem ao consumo, há milhares de milhões de pessoas excluídas, cujos interesses parecem não ter peso (cf. *LS* 49). Numerosas culturas e etnias correm o risco de se desintegrar ou desaparecer. O gemido da “irmã terra” e dos abandonados reclama que a Humanidade ensaie outro rumo (cf. *LS* 53). É urgente “unir toda a família humana em prol da busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (*LS* 13), que faça frente à exploração desenfreada, favorecida por um afã desmedido de possuir e um sistema económico profundamente injusto (cf. *EG* 59-60).
7. A Igreja convidou todas as pessoas de boa vontade a tomar consciência da gravidade destes desafios e a promover uma ecologia realmente abrangente, em que todas as criaturas recebam o respeito, a proteção e o tratamento que merecem, e que o ser humano ocupe um lugar de acordo com a dignidade infinita que Deus lhe deu¹³. Estamos chamados a velar pela Terra e a cuidar-nos mutuamente, para que o projeto de Deus se possa cumprir integralmente em todas as pessoas, desde a sua conceção até à morte: Deus não só quer que os seus filhos conservem a existência, mas que vivam em plenitude e como verdadeiros irmãos, usufruindo do que foi colocado nas mãos de todos (cf. *EG* 192).
8. *Esta situação induz-nos a entrar num processo de “conversão ecológica” que redefina a nossa missão e os nossos estilos de vida (cf. LS 216-232). Como inculcar, em cada um de nós e nas nossas comunidades, o convite da Igreja a combater a lógica da violência, o consumo exacerbado e o aproveitamento egoísta (cf. LS 230)? De que forma cultivar as atitudes do coração, que permitem viver com sobriedade e simplicidade, com uma alegria profunda, sem a obsessão pelo consumo? A paixão pela vida pertence às entranhas da nossa vocação missionária (cf. PTV 8): Contribuamos para que a Humanidade não defraude as expectativas divinas!*¹⁴

¹³ Cf. *LS* 81; *EG* 178, 274.

¹⁴ Cf. *LS* 61; *HAC* 2i.

O CLAMOR DOS POBRES E DA JUSTIÇA

9. O grito dos pobres e dos necessitados ouve-se de maneiras muito diversas no nosso mundo. Interpelam-nos as situações de desigualdade e injustiça que abrem uma brecha cada vez maior entre ricos e pobres, o crescente número dos excluídos e descartados (imigrantes, deslocados, refugiados, pessoas sem lar, povoações fustigadas, mulheres desprezadas, crianças, idosos e doentes abandonados...) e as múltiplas manifestações de violência (às vezes, inclusivamente, em nome de credos e religiões). Milhões de inocentes sofrem sem razão; as catástrofes chamadas naturais flagelam seriamente milhares de famílias, a quem não protegemos. O poder e o dinheiro afastaram Deus e o próximo do íntimo de muitos corações.
10. *Perguntamo-nos em que medida participamos também desse imediatismo egoísta que está a arrasar o mundo¹⁵ e nos sentimos chamados a denunciar a idolatria do dinheiro e do mercado, e a fomentar a inclusão social dos pobres, o diálogo, a paz, a justiça e a defesa da integridade da Criação (JPIC)¹⁶. Unidos a Deus, queremos ouvir este clamor e responder-lhe com todas as nossas forças (cf. EG 187-192), cooperar com a ação libertadora do Espírito e identificar-nos com o Cristo feito pobre, e sempre próximo dos pobres e excluídos (cf. EG 178, 186). Não se trata só de fomentar pequenos gestos para com as pessoas concretas, mas de nos empenharmos na implementação da caridade e da compaixão na instauração do Reino, de modo que se estendam a todas as dimensões da vida das pessoas, a todos os âmbitos da convivência social e a todos os povos¹⁷.*

O SONHO DA PAZ E A RECONCILIAÇÃO

11. Nas últimas décadas, a humanidade mostrou intensos desejos de unidade. A tomada de consciência de formar uma só família cresce e manifesta-se, com especial acutilância, nas gerações mais jovens. A busca do difícil equilíbrio entre a unidade e a diversidade provoca bastantes tensões, resolvidas, a miúdo, com a danificação da paz. A violência afeta e escraviza muitos povos da terra. Milhões de pessoas vivem fustigadas, têm medo, veem-se obrigadas a deixar as suas casas, sentem os seus direitos ameaçados (cf. EG 217-221), e milhares de cristãos são perseguidos por causa da sua fé.
12. Mas, simultaneamente, muitas pessoas e grupos trabalham pela paz, através do diálogo paciente e perseverante, da busca de reconciliação, da construção de uma vida social harmoniosa e respeitosa para com todos. A esperança também vai abrindo caminho no mundo! Franqueiam-lhe as portas pessoas, grupos, movimentos, organizações, comunidades e povos inteiros. Nisto jogam um papel fundamental as famílias, as instituições educativas (cf. HAC 2g) e aqueles que se comprometem com valentia em políticas que promovem o desenvolvimento integral, o bem comum, a transparência, a honradez, o serviço aos demais e a luta contra a corrupção. Também a Igreja quer ser sacramento de um mundo em *shalom*; quer ser católica, isto é, aberta a todos, ao outro, sem o ferir nem eliminar, até que um dia nos transformemos todos em reino e povo de Deus.
13. *Por isso nos sentimos chamados a configurar a nossa vida e missão no diálogo profético (interconfessional, interreligioso, político...) e na compaixão¹⁸. E, a partir daí, favorecer o que nos une, reconcilia e pacifica, derrubando os muros que separam, apoiando aqueles que trabalham pela paz e reconciliação, pertençam eles ao credo e à mentalidade que seja (cf. HAC 2b). A cordialidade, que nos foi concedida como dom, ajudar-nos-á nesta empresa ciclópica.*

¹⁵ Cf. EG 193-195; LS 162.

¹⁶ Cf. EG 186-258; HAC 2.

¹⁷ Cf. EG 179-181, 236.

¹⁸ Cf. EG 238-258; MV 15.

O SENTIDO DA VIDA E O SEU CUIDADO

14. Em muitas das suas dimensões, a realidade é, hoje, cenário de tendências contraditórias, de luta entre culturas promotoras da vida e culturas difusoras da morte¹⁹. Por um lado, cresce o apreço pelo dom da vida: os seres humanos são felizes quando conseguem estabelecer relações de amor e cuidado mútuo, potenciadas pela interação que os meios de comunicação facilitam. Mas, ao mesmo tempo, milhões de pessoas experimentam a solidão e o abandono, os suplementos espúrios e daninhos, a fragilidade, a doença, a depressão e o peso de uma culpa que não foi assumida. Muitos dos nossos contemporâneos vivem “uma tristeza infinda” (EG 2, 265).
15. Em bastantes regiões do mundo, onde a fé orientou durante séculos a busca do sentido da vida, Deus perdeu significado e importância para muitos. Ao lado de milhões de pessoas de bom coração, não faltam os que converteram a satisfação do próprio interesse e prazer no principal sentido da sua vida. A todos nos espreita esta tentação. Em não poucas sociedades, alguns valores fundamentais (como a família, o bem comum, a preocupação com os mais débeis...) deterioraram-se ou estão sujeitos a uma indomável relativização. A fragmentação e a aceleração da vida dificultam a serenidade, o aprofundamento e a constituição de critérios sadios (cf. LS 18). Crianças, adolescentes e jovens, seres particularmente vulneráveis, crescem sem referências, privados a miúdo da felicidade que Deus lhes deseja e das mediações para a descobrir; os seus problemas e necessidades e os das suas famílias interpelam-nos com uma urgência especial (cf. HAC 2c, 60). A Igreja convida-nos hoje a ser mensageiros da alegria e da misericórdia do Evangelho, a romper a barreira da indiferença, a acompanhar e abrir sem medo o coração a quem vive nas mais contraditórias periferias existenciais (cf. MV 15).
16. *Sentimo-nos chamados a descobrir e a ativar em nós os dons do Espírito, a partilhar a alegria e a bem-aventurança do Evangelho, a pôr em prática as obras de misericórdia corporais e espirituais (cf. MV 15) e a manifestar a nossa cordialidade, no encontro com cada pessoa (cf. EG 127) e no cuidado dos mais frágeis (cf. EG 209-216); a ser - pessoalmente e como comunidade - testemunhas credíveis da esperança em Deus que nunca se quer esconder, a “viver em misericórdia” e potenciar o anúncio alegre do perdão e o valor revolucionário da ternura e do carinho*²⁰.

O NOVO CONTINENTE DIGITAL E TECNOLÓGICO

17. A tecnologia revolucionou o mundo das comunicações, a ponto de já se falar de um “novo continente” digital, povoado por milhões de internautas. As possibilidades de acesso à informação e o intercâmbio instantâneo das mensagens aumentam de dia para dia. O mundo converte-se cada vez mais numa “aldeia global”, embora continue a haver muitos povos e valores injustamente desligados. Multiplicam-se também as formas de manipulação e de controlo. A Igreja convida-nos a tornar-nos presentes neste “novo continente”, e adverte-nos também para as suas ilusões e armadilhas (cf. LS 47).
18. *Como servidores da Palavra, sentimo-nos chamados a perscrutar os sinais de Deus no mundo digital, a partilhar a nossa experiência do Evangelho com novos códigos comunicativos e a combater os vírus da manipulação, da superficialidade e da despersonalização. Que revolução teria levado a cabo Claret, se tivesse disposto das possibilidades que hoje oferecem estas tecnologias! (cf. HAC 2j).*

¹⁹ Cf. PTV 6-7; HAC 2a.

²⁰ Cf. EG 288; MV 9-10.

UMA IGREJA EM SAÍDA

19. Consciente destas e de muitas outras interpelações, a Igreja propôs-se servir o Reino como “Igreja em saída” para as periferias humanas: acompanhando a vida dos pobres, inserindo-se nela e tratando de conhecer a alma dos povos, de detetar em cada um deles os sinais da presença de Deus e de construir pontes entre o Evangelho e todas as culturas²¹. Mas, como nas primeiras comunidades, também hoje alguns discípulos duvidam: *sair* será assim tão óbvio? Não nos deveríamos preparar melhor e esperar por outro momento? Não nos contaminaremos no contacto com os demais? Agradecidos ao magistério dos sucessores de Pedro, percebemos nas palavras do papa Francisco uma profundidade e uma frescura missionárias, que vão na linha do espírito que animou Claret.
20. *Sentimo-nos, assim, chamados a abandonar as nossas zonas de conforto e a excessiva preocupação connosco próprios (cf. EG 2, 27), a reiterar a decisão da Igreja de optar por “um estado permanente de missão” (EG 25), a potenciar nela a nossa “saída missionária” de acordo com o nosso carisma evangelizador, a superar qualquer tipo de apatia ou mundanidade²², e a crescer em disponibilidade missionária, inculturação, encarnação e abertura à missão mundial da Igreja e da Congregação²³.*

NO POVO DOS MUITOS ROSTOS E CARISMAS

21. Estamos cada vez mais conscientes de que o anúncio do Evangelho é uma tarefa de todo o povo de Deus: o povo de muitos rostos, de diversos carismas, formas de vida e ministérios, no qual todos somos discípulos-missionários (cf. EG 11-21). Um povo que busca a transformação do mundo segundo o desígnio de Deus.
22. *A partir do dom vocacional missionário recebido, sentimo-nos interpelados a ser agentes ativos de uma eclesiologia de comunhão-missão em que todos (mulheres e homens) participem e ninguém seja excluído, e a colaborar na criação e consolidação das comunidades cristãs, cheias da vida e da alegria do Evangelho (cf. CC 47). Neste momento, o chamamento lançado por Claret de pensar e fazer com outros ecoa em nós de uma forma especial²⁴.*

A SEDUÇÃO DO ESPÍRITO

23. O nosso tempo caracteriza-se simultaneamente pela busca e ânsia de uma espiritualidade integradora e não dualista, e pela sedução de múltiplas idolatrias e da extensão da descrença. Tudo isso requer novos cenários de evangelização. Por isso, a Igreja pretende “evangelizadores com Espírito”, que se sintam a arder e a abrasar em fogo²⁵. Estes evangelizadores oram e trabalham, comprometem-se social e missionariamente, e respiram com os pulmões da oração e da intercessão. A sua vida no Espírito traduz-se em atitudes anti-idolátricas, em contemplação e adoração, pobreza, humildade, simplicidade, autenticidade e honestidade.
24. *Esta interpelação leva-nos a crescer num profundo caminho de espiritualidade - pessoal e comunitário -, em que o Espírito se torne o nosso guia e inspirador, e um autêntico discernimento espiritual oriente e acompanhe cada um dos nossos passos (cf. HAC 54.4). Conscientes das nossas limitações e pecados, sentimos como dirigido a nós o convite da Igreja às pessoas consagradas para serem testemunhas alegres da primazia absoluta de Deus e do seu Reino.*

²¹ Cf. EG 20-24, 115-118.

²² Cf. EG 81-83; 93-97.

²³ Cf. CC 48; HAC 22.

²⁴ Cf. Dir 114; HAC 22.

²⁵ Cf. EG 261-262; HAC 1-65.

A GRAÇA DE SER COMUNIDADE MISSIONÁRIA

- 25.** Como canta o salmo 133, que bonito e bom é viver os irmãos unidos! Que alegria brota, ao constatar a implantação e a consolidação da Congregação em tantas partes do mundo, a vida consumida no serviço de tantos doentes e idosos (cf. *EG* 96), a intensa vivência fraterna dos nossos mártires, a entrega silenciosa, generosa e entusiasmada de muitos dos nossos irmãos de todas as idades! E que tristeza dá, pelo contrário, comprovar que nem sempre somos fiéis aos dons do Senhor!
- 26.** Como mediação primordial da Missão, a comunidade dos discípulos-missionários, com e a partir de Jesus, ajuda-nos a passar da proeminência do *eu* à primazia do *nós*, e torna-nos testemunhas e mensageiros do Reino (cf. *HAC* 17). Chamados a ter um só coração, uma só alma e tudo em comum (cf. *Act* 4, 32), longe de exigir que cada um deixe de ser ele mesmo, o Evangelho convida-nos a desprender-nos nessa partilha, para alinhar naquilo para que fomos criados: o nosso ser em comum robustece-se, enriquece e dá profundidade ao nosso ser pessoal. Somos *eu*, porque estamos chamados a ser *nós*. A comunidade missionária - dom precioso -, alimentada plenamente na Eucaristia, é espaço privilegiado que permite e fortalece a nossa plenitude pessoal (cf. *CC* 10-12). Num mundo de tanta tristeza e insatisfação, a vocação missionária enche de alegria e permite uma verdadeira felicidade, que não se paga com nada²⁶.
- 27.** *Por isso, nos sentimos interpelados a promover a beleza da comunidade e a reativar a nossa aliança fraterna²⁷, bem como a evitar a indiferença, a existência de grupos sem a vivência comunitária, e de individualismos apostólicos, de pessoas que vivam de costas voltadas para os demais e separadas deles. Também nos sentimos chamados a cultivar a escuta (dentro e fora da comunidade), a sensibilidade pelo outro, a comunicação espiritual, as relações fraternas e a transparência na partilha dos nossos bens. Que o Espírito nos ajude a fazer sempre da nossa vida fraterna um anúncio gozoso e transparente do Reino.*

A FIDELIDADE À VOCAÇÃO MISSIONÁRIA CLARETIANA

- 28.** Nas últimas décadas, por ocasião das beatificações dos nossos irmãos, contemplámos com grande alegria o amor, o apreço e a fidelidade à vocação, demonstrados por tantos missionários claretianos de todos os tempos e procedências. Também nos impressiona e enche de júbilo constatar a inteireza fiel e simples com que milhares de pessoas, com as quais partilhamos a fé, conservaram os dons de Deus, no meio das dificuldades.
- 29.** Em 2009, o nosso XXIV Capítulo Geral convidou-nos a viver com mais entusiasmo e profundidade a vocação missionária e a pertença à Congregação (cf. *HAC* 37). Hoje, sentimos esse mesmo apelo com uma nova intensidade. Constatamos com alegria que a colaboração entre Organismos e a comunicação de bens nos ajudaram a aprofundar a nossa pertença à Congregação, mas continuamos a provocar-nos para fortalecer estas dimensões, que exprimem a nossa verdadeira fraternidade²⁸.
- 30.** *Acolhendo a insistência da Igreja, sentimo-nos convidados - pessoal e comunitariamente - a cultivar uma fidelidade criadora, que consolide e aprofunde a nossa identidade missionária, reinterprete o carisma em novos cenários e nos incite a vivê-lo com mais alegria. Constatamos com preocupação a observação já feita pelo Capítulo Geral de 2009: “Não estamos tão perto dos jovens nem tão dispostos a acompanhá-los como pensamos”, e reiteramos a sua proposta de que todos e cada um nos impliquemos mais decididamente em convidá-los a ser servidores do Reino e ministros da Palavra (cf. *HAC* 19).*

²⁶ Cf. *Sal* 16; *HAC* 33.

²⁷ Cf. *HAC* 16-17, 56.

²⁸ Cf. *HAC* 23-27, 64-65.

31. *Vemos a necessidade de fomentar em nós próprios uma pastoral da fidelidade à vocação, de tomar mais consciência de que temos de cuidar uns dos outros com respeito e, ao mesmo tempo, com valentia (cf. CC 53-55), e de acolher o intenso chamamento à credibilidade, que a Igreja lança a si mesma. Agradecemos o esforço que muitos irmãos fizeram e fazem para conferir qualidade à formação na Congregação, mas vemos com clareza que necessitamos de intensificar a capacidade transformadora dos processos formativos. A verdadeira preocupação de um claretiano pela formação inicial comprova-se na seriedade da sua dedicação à própria formação contínua como discípulo-missionário, formação que em momento algum se pode dar por concluída.*

32. *A Igreja está ciente de que hoje o Espírito nos pede uma “conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão”, “capaz de transformar tudo... e de o converter em canal adequado de evangelização” (cf. EG 25-33). A sua palavra também nos avisa sobre as tentações que espreitam e atentam contra os evangelizadores (cf. EG 76-109). Esta interpelação e todas as demais colocam-nos grandes interrogações:*

- *Como podemos, hoje, ser testemunhas-mensageiros da alegria do Evangelho, em cada um dos povos que nos está confiado?*
- *Como apelar a uma etapa evangelizadora mais aberta ao Espírito, fervorosa, alegre, audaz, cheia de amor até ao fim e de vida contagiosa (cf. EG 261)?*
- *Como colaborar com o Espírito para suscitar novos caminhos e linguagens, métodos criativos e símbolos mais eloquentes do Reino (cf. EG 11)?*

33. *As interrogações são muitas, mas não nos atrofiam. Sabemos que Jesus caminha connosco, nos fala e connosco procura a glória do Pai: que o ser humano viva, que o pobre viva, que a natureza tenha vida em abundância (cf. PTV 8). Unidos a Jesus, confiados no seu Espírito, descansando nos braços do Pai, no meio de uma entrega criativa e generosa, o Espírito conduzir-nos-á para onde quiser e tornar-nos-á, no devido tempo, “misteriosamente fecundos” (cf. EG 279-280).*

II

TRAÇOS CARISMÁTICOS NA MISSÃO

“Se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa...” (Ap 3, 20)

34. A nossa Congregação, presente nos cinco continentes, deseja ouvir as interpelações de Deus, que continua a bater amorosamente à nossa porta. Como herdeiros do carisma de santo António Maria Claret, perguntamo-nos: *Que nos pede o Espírito neste momento da Humanidade, para manter viva e fecunda a herança recebida?*

35. Em 1979, o XIX Capítulo Geral fez-se uma pergunta parecida e plasmou a sua resposta n' *A Missão do Claretiano Hoje (MCH)*. Nessa altura, evocando o Capítulo Especial de 1967, a Congregação enumerou os seguintes “traços identificadores de todo o claretiano:

- Profunda experiência de Deus como Pai: vivência da filiação divina.
- Configuração com Cristo, ungido e enviado para salvar os Homens.
- Profundo sentido da filiação mariana.
- Estrita vida evangélica, no seguimento de Cristo pobre, virgem e obediente.
- Vida de comunidade, ao estilo dos apóstolos.
- Expressão fervorosa da caridade que une a Deus, e zelo apostólico pela salvação dos homens.
- Ministério, desempenhado com fé, oração e amor à Palavra escutada e assimilada” (*MCH* 82-83).

Além disso, o referido Capítulo descreveu as atitudes assumidas por Claret e por muitos missionários claretianos (cf. *MCH* 84-85) e propôs as opções que hoje a Congregação afirma que “devem orientar e articular toda a nossa ação missionária” (*Dir* 110-115). Quase quarenta anos depois, alegramo-nos por constatar a afinidade entre aquele discernimento e o que foi levado a efeito por este XXV Capítulo Geral.

36. Acolhendo o apelo da Igreja por ocasião do Ano da Vida Consagrada, reconhecemos, agradecidos, que o Senhor nos abençoou generosamente. Embora o pecado tenha persistido e continue a operar em nós, os sinais da graça foram e são muito mais numerosos. Unidos a Maria, desejamos espalhar o seu *Magnificat*, porque o Todo-poderoso fez obras grandiosas:

- O espírito de Claret mantém-se vivo, e mostra-se cada vez mais inspirador.
- A Palavra de Deus ocupa um lugar cada vez mais nuclear na nossa missão e espiritualidade.
- Favoreceu a extensão da Congregação e enriqueceu-a com missionários procedentes de muitos povos.
- Sustenta a nossa fraternidade e ajuda-nos a eliminar desconfianças e preconceitos e a consolidar a nossa comunhão.
- Fortaleceu a nossa consciência de comunhão eclesial e concedeu-nos um melhor conhecimento do dom da Missão.
- Tornou-nos capazes de responder às necessidades de muitas pessoas, particularmente dos pobres, e dos novos rostos da pobreza.
- Estimulou-nos com o exemplo dos nossos mártires e o reconhecimento eclesial do seu testemunho.
- Abençoou-nos com a entrega diária de muitos claretianos (missionários em formação, irmãos, diáconos e presbíteros).

– Fez crescer a colaboração e a comunhão de bens e outros recursos entre nós.

37. Neste itinerário, o Espírito dotou-nos com um corpo doutrinal sólido e profundo, recordando-nos que os seus dons não se recebem só para ser conservados, mas devem ser aprofundados e desenvolvidos em docilidade à sua ação, sempre nova e criadora²⁹. Com que traços quererá o Espírito que sejamos identificados, especialmente nos próximos anos? As interpelações aconselham que realcemos alguns deles? Consideramos que sim. Afirmando a sua importância neste momento, destacamos vários dos nossos traços carismáticos, sem questionar a dos outros, incitando a que tomemos consciência da estreita relação que todos revelam entre si.
38. Constatamos, com especial contentamento, a relevância que os membros da Congregação concedem à nossa condição de *Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria*. Contemplar Maria ajudará a entender muito melhor estes rasgos carismáticos.

MISSIONÁRIOS “COM ESPÍRITO”

“Alegra-te!... Não temas!...
O Espírito Santo virá sobre ti” (Lc 1, 28. 30. 35)

39. Fomos agraciados com uma espiritualidade peculiar, herdada de santo António Maria Claret e da nossa rica tradição. Como Filhos do Imaculado Coração de Maria, estamos chamados a ser homens abertos ao Espírito, conduzidos por Ele e sempre dóceis às suas moções: homens que ardem em caridade. A Igreja atual reforça esta vertente, quando fala de “evangelizadores com Espírito” (EG 259), que ardem no fogo do Espírito (cf. EG 261) e da Missão (cf. EG 268-274).
40. O nosso caminho de espiritualidade em missão inaugura em cada um de nós e em cada comunidade dinamismos de escuta do Mestre, de identificação progressiva com o seu estilo de vida obediente, célibe e pobre (cf. CC 39); e potencia o nosso testemunho e o anúncio evangélico com a audácia (*parresia*) dos grandes missionários: em todo o tempo e lugar, inclusive contra a corrente. A nossa docilidade ao Espírito faz florescer em nós as virtudes características do nosso carisma missionário (cf. CC 39-45): a audácia e a criatividade³⁰, a cordialidade³¹, a alegria³², a proximidade³³, a humildade e a mansidão³⁴. E perante as situações de diminuição, perseguição e morte, gloriamos-nos na cruz de Cristo³⁵. Sem uma acutilante espiritualidade e oração incessante (cf. CC 33), não seremos credíveis para comunicar o Evangelho, nem místicos na missão.
41. Por isso, pretendemos:
- 1) Viver em *atitude de discípulos*, sensíveis para reconhecer os sinais do Espírito, em contacto atento e cordial com as pessoas; idóneos para acolher o dom de Deus que habita na história, e para ler os acontecimentos a partir da fé e do nosso carisma.
 - 2) Cultivar a nossa *espiritualidade de filhos do Imaculado Coração de Maria*, formados na forja do seu Coração.

²⁹ Cf. CdC 20; HAC 28.

³⁰ Cf. CC 46, 62; EG 33.

³¹ Cf. CC 40; EG 44-45.

³² Cf. CC 58; EG 21.

³³ Cf. CC 46; EG 23.

³⁴ Cf. CC 41, 42; EG 146.

³⁵ Cf. Fil 2, 6-11; CC 43-45.

- 3) Colocar-nos em *atitude de êxodo*, colaboradores do Espírito na transformação da realidade, espaço privilegiado para o discernimento missionário, que procura o mais urgente, oportuno e eficaz.
- 4) Ser *testemunhas da alegria que o Espírito gera em nós*, superando o pessimismo, a acédia, a mundanidade e as nossas debilidades.

OUVINTES E SERVIDORES DA PALAVRA DE DEUS

“Faça-se em mim segundo a tua Palavra” (Lc 1, 38)

“Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2, 5)

42. A nossa herança carismática define-nos como “ouvintes e servidores da Palavra”³⁶. Somos na Igreja e na sociedade a ressonância de Claret (cf. *Aut* 686), ministro apaixonado pelo Evangelho a tempo inteiro, através dos meios de que dispunha³⁷. Como Filhos do seu Coração, queremos, tal qual Maria, acolher a Palavra, meditá-la no nosso íntimo e proclamá-la com paixão.
43. A caminhada da Igreja fez-nos compreender de uma forma nova que o nosso Deus nos fala para estabelecer um diálogo de vida permanente connosco: o diálogo da Aliança. O Pai, que se exprime de muitos modos e maneiras - na criação, na história humana de salvação, na Escritura - fá-lo de maneira plena em Seu Filho Jesus, a Palavra encarnada, e nos Sacramentos da sua Presença³⁸. Com a Mãe Igreja, cabe-nos falar da “sinfonia da Palavra”. Deus Pai espera de nós uma resposta livre e comprometida. A escuta da Palavra gera em nós hábitos de silêncio, adoração, contemplação e discernimento.
44. O Espírito faz-nos compreender as profundidades de Deus (cf. *1 Cor* 2, 11). A chave hermenêutica para escutar a Palavra é o amor de Deus para com o seu povo e a revelação dos mistérios do Reino aos simples, aos pobres e aos excluídos (cf. *VD* 90-108). O ministério da Palavra pertence ao mais genuíno da nossa experiência carismática; é um ponto de interligação entre a missão e a vida. Se não favorecermos o diálogo da Aliança com o nosso Deus, e com todos os que de uma ou outra forma escutam a sua voz, é vã a nossa pregação.
45. Por isso, pretendemos:
 - 1) Facilitar *a escuta vocacional e pastoral da Palavra*, que transforma a Bíblia - especialmente ao longo do ano litúrgico - em bússola do caminho de Deus para connosco e de nós para com Deus.
 - 2) *Ler, compreender e acolher a Palavra sob a ação do Espírito* (cf. *VD* 15), e descobrir como através dela o próprio Jesus Cristo nos fala, se dirige a nós, nos ajuda a interpretar os sinais dos tempos e nos aponta a Missão (cf. *VD* 12).
 - 3) Fomentar *a escuta contextualizada da Palavra*, partilhada com outros, e descobrir a sua força transformadora, que nos leva à conversão e nos cura (cf. *Mt* 8, 8).
 - 4) *Descobrir Deus nos acontecimentos da vida*, sobretudo na dos pobres e daqueles que sofrem violências e injustiças.
 - 5) *Ser enviados a proclamar a Palavra*, valendo-nos dos meios mais adequados, especialmente onde ela não é escutada ou não encontra uma resposta condigna.

³⁶ *CC* 6; *SP* 7.

³⁷ Cf. *Aut* 113, 118.

³⁸ Cf. *VD* 6, 7, 8, 22-26.

- 6) *Ser mensageiros, testemunhas e intérpretes da Palavra*, escutando Deus, que se manifesta através das diversas culturas e das tradições religiosas, e falando nós de Deus com uma linguagem inculturada.
- 7) *Ser profetas que anunciam a Palavra de Deus*, e testemunham o que pregam com a própria vida, em todos os âmbitos da existência.
- 8) *Ser homens de diálogo*, capazes de levar a efeito gestos significativos (os sinais poderosos de Jesus), para que outros acreditem na mensagem do Evangelho.

MISSIONÁRIOS EM COMUNIDADE

“Aí tens a tua mãe...

E, desde aquele momento, o discípulo recebeu-a em sua casa” (Jo 19, 27)

46. Vivemos, desde o princípio, em comunidade, ao estilo dos apóstolos com Jesus, e da primeira comunidade que tinha um só coração e uma só alma e dispunha de tudo em comum³⁹. Na comunidade, sentimo-nos filhos de Deus Pai e enviados por Ele, irmãos entre nós. Como o discípulo amado, acolhemos Maria como mãe, em nossa casa. Viver em comunidade missionária é um dom do Espírito Santo, que temos de receber e cuidar, amando-nos mutuamente (cf. CC 15). É Ele quem edifica a nossa comunhão e nos configura como discípulos-missionários, ao serviço do povo de Deus. As nossas comunidades - intergeracionais e interculturais (cf. CC 17) - estão chamadas a ser uma parábola de comunhão, um sinal escatológico, a palavra evangelizadora para o mundo de hoje.
47. Como testemunhas e mensageiros da alegria do Evangelho, em comunidade apostólica, esforçamo-nos por conhecer, juntos, as periferias humanas que mais nos interpelam em cada lugar, e por estimular uma atitude de saída missionária. Com autêntico discernimento comunitário, tratamos de plasmar a visão comum num projeto de missão. Nele integramos os ministérios e serviços de todos e cada um, segundo o nosso dom, carisma e condição. Cresce assim a nossa consciência de que somos um corpo com diversos membros em missão, e evitamos quaisquer individualismos.
48. Pretendemos, por isso:
 - 1) Configurar as nossas comunidades como *sinal escatológico de unidade, de paz e de reconciliação*.
 - 2) Construir entre todos a comunidade missionária, com *espírito de diálogo, aceitação e apreço mútuo*, discernindo os serviços e os ministérios de todos.
 - 3) Reforçar *o sentido de pertença e corresponsabilidade comunitárias*.
 - 4) Valorizar e considerar imprescindível *o ministério de intercessão e oferecimento* dos nossos irmãos idosos, doentes e inválidos.
 - 5) Apreciar e integrar *os impulsos renovadores das novas gerações*.

ENVIADOS A EVANGELIZAR E A ESCUTAR OS POBRES

“Porque olhou para a humildade da sua serva...

Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes” (Lc 1, 48. 52)

³⁹ Cf. Act 4, 32; CC 10.

49. O nosso Padre Fundador interpretou a sua vocação, a partir da cena da sinagoga de Nazaré, onde Jesus se identificou com o ungido, destinado a evangelizar os pobres⁴⁰. As nossas Constituições apresentam-nos a nossa Mãe Maria como a primeira entre os pobres do Senhor (cf. CC 23). A Congregação - no seu processo de regresso ao Evangelho e de adaptação aos tempos atuais - aprofundou o apelo veemente a evangelizar os pobres e a deixar-se evangelizar por eles. E, hoje, escuta ainda com mais acutilância o chamamento da Igreja a interiorizar muito mais em nós, com audácia e criatividade, a opção pelos pobres e deslocados. Não se pode ser claretiano, ignorando a existência dos pobres⁴¹. Também não se pode ser claretiano, sem denunciar as estruturas de injustiça e lutar contra o sistema que as perpetua, propondo alternativas. Os pobres são “os destinatários privilegiados do Evangelho”⁴². Através deles - como aconteceu com Maria - o Evangelho questiona-nos e interpela-nos com uma voz inédita.

50. A nossa opção pelos pobres torna-se credível, através de um estilo de vida pobre e austero, e da comunhão de bens entre nós e com os mais necessitados. Implica também gerir os nossos bens sem avareza, confiando na Providência de Deus Pai e excluindo qualquer colaboração com o deus das riquezas injustas, tal como Jesus nos ensinou⁴³. A pobreza evangélica, eleita e professada, é a nossa bênção.

51. Indigna-nos e comove-nos que, neste tempo de tanto progresso científico e tecnológico, exista uma maioria de homens e mulheres que vivem o dia a dia precariamente; que, usufruindo de tantos recursos, se deixe predominar uma economia de exclusão e uma cultura de refugo e descarte; e que a indiferença se globalize (cf. EG 53-54). Como evangelizadores, queremos ser “instrumentos de Deus para libertar e capacitar os pobres” (EG 187), e deixar estremecer misericordiosamente as nossas entranhas perante a dor alheia (cf. EG 193), para nos tornarmos uma Congregação pobre e ao serviço dos pobres (cf. EG 198), que se deixa evangelizar por eles e com eles evangeliza.

52. Por isso, pretendemos:

- 1) *Acolher, escutar, acompanhar e cuidar dos mais frágeis da Terra*: os sem abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os migrantes, os indígenas, os idosos, as mulheres maltratadas, as crianças por nascer e todos os explorados e indefesos⁴⁴.
- 2) Abrir-nos a novas experiências do Espírito, que *nos faz* sair para as periferias da pobreza, exclusão e rejeição, que *nos abençoa* com o dom da misericórdia e da compaixão, que *nos concede* uma visão profética alternativa a partir das periferias - verdadeiro “lugar teológico” e hermenêutico - e que *nos leva* a promover culturas éticas de cooperação e solidariedade.
- 3) Dar um *testemunho real da pobreza e da austeridade*, tanto pessoal como comunitária, e partilhar os nossos bens a favor dos pobres.
- 4) *Unir-nos aos pobres, que são agentes evangelizadores*, protagonistas da única Missão que vem do Espírito.

COM TODA A IGREJA E COM AQUELES QUE BUSCAM A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

“Todos eles, com algumas mulheres, a mãe de Jesus e os seus parentes,

⁴⁰ Cf. *Aut* 118, 687.

⁴¹ Cf. CC 44, 46; EG 80.

⁴² Cf. CC 3, 24; EG 48.

⁴³ Cf. *Mc* 10, 17-31; 12, 28-34.

⁴⁴ Cf. EG 169; 209-216.

permaneciam intimamente unidos em oração”.
“Estavam todos reunidos... Encheram-se todos do Espírito Santo e começaram a falar línguas estrangeiras, segundo o Espírito” (Act 1, 14; 2, 1. 4)

- 53.** O nosso Padre Fundador ensinou-nos que a missão evangelizadora é uma obra ingente de transformação do mundo, que deve ser levada a cabo “entre todos”, em favor de todos e para tornar feliz o nosso próximo⁴⁵. No Pentecostes, o Espírito derramou-se sobre toda a assembleia cristã, sobre “jovens e anciãos”, “filhos e filhas”, e “sobre toda a carne”⁴⁶. Maria, nossa Mãe, estava lá, como testemunha e mensageira do mistério integral de Jesus, na comunidade que tinha um só coração e uma só alma (cf. *Act 1, 14*). Para a nossa Congregação, “evangelizar com outros”, multiplicar líderes evangelizadores e viver a missão partilhada é um traço carismático ineludível (cf. *CC 3, 7, 48*), que entranhamos e praticamos de diversas maneiras.
- 54.** Vivemos o carisma de Claret de várias formas: como irmãos, estudantes, diáconos e presbíteros. As nossas comunidades são o primeiro espaço de missão e de vida partilhada. Quando descobrimos pessoas que se sentem agraciadas com o carisma de Claret e são chamadas a partilhá-lo a partir de outras formas de vida, ou a colaborar connosco nas iniciativas missionárias, associamo-nos em missão conjunta como “família alargada”.
- 55.** Somos membros de uma igreja “em missão” por obra do Espírito, uma parábola de comunhão dos carismas e diversos ministérios: “Há na Igreja pluralidade de ministérios, mas unidade de missão” (*AA 2*). Por isso, estamos inseridos ativamente nas igrejas locais e colaboramos com outros Institutos de Vida Consagrada (intercongregacionalidade) e Movimentos, de acordo com a nossa identidade carismática.
- 56.** Sabemos que os problemas da humanidade necessitam de uma resposta consensual e partilhada. O Espírito derrama-se para além dos limites da Igreja, quando e como quer (cf. *Jo 3, 8*). Por isso, desejamos colaborar estreitamente com todas as pessoas - cristãs ou não - que atuam de maneira compatível com os valores do Reino, somando-nos às suas iniciativas e ações.
- 57.** A missão partilhada não é, portanto, uma estratégia, mas o nosso modo de ser e de agir⁴⁷. Daí que pretendamos:
- 1) Aprender a melhor forma de *partilhar o nosso carisma evangelizador e missionário* com aqueles que, a partir de diversos modos de vida (consagrada, laical, matrimonial, ministerial), foram agraciados com o mesmo e fazem parte connosco da Família Claretiana.
 - 2) Promover - segundo o nosso carisma - uma *Igreja de participação e comunhão*: colaborando na missão e vida de cada Igreja particular, ajudando a configurar a Igreja, “família de Deus”, que acolhe e cuida de todos os seus membros⁴⁸, e permanecendo dispostos a partilhar os serviços missionários e a vida comunitária com outros institutos ou outras formas de vida.
 - 3) *Colaborar em redes* (como as constituídas por algumas ONG’s), sinergias e projetos, de que não somos protagonistas.

⁴⁵ Cf. *Aut 202, 213*.

⁴⁶ Cf. *Act 2, 16-18; Jl 2, 28*.

⁴⁷ Cf. *Dir 114; PTV 37; HAC 58.4*.

⁴⁸ Cf. *Ecclesia in Africa 63*.

ABERTOS A TODO O MUNDO EM DIÁLOGO PROFÉTICO

“Não têm vinho... Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2, 3. 5)

58. Como Claret, estamos convencidos de que o nosso espírito é para todo o mundo⁴⁹. Hoje entendemos o mundo num sentido global: o nosso próximo, a natureza, o cosmos, o mundo virtual, etc. Este mundo já está habitado por Deus. Necessitamos de uma sensibilidade que nos ajude a descobrir tudo o que Ele já faz no mundo (cf. *RM* 28). Daqui brota o nosso diálogo com as ciências, a cultura, as religiões, etc.
59. A Missão traduz-se em anunciar o Evangelho, tendo em conta a ação prévia do Espírito de Deus no mundo. Fica assim configurada como *missio inter gentes* e diálogo profético (cf. *HAC* 58). A Igreja, que nasce da *missio Dei*, revela-se como comunidade que não só dá, mas também recebe; que não impõe, mas persuade; que ama e respeita a liberdade e a dignidade; que se esvazia de si mesma e é humilde para crescer com o outro (cf. *EG* 171). No diálogo da vida, surgem as questões e as abordagens mais sérias da Missão (cf. *LS* 10). Descobre-se assim como Deus se manifesta nos contextos, e como estes nos abrem à revelação de Deus.
60. A Congregação assume como própria esta forma de ser ouvinte e servidora da Palavra. O XXIV Capítulo Geral assinalou a importância do diálogo profético de vida, como chave da nossa ação pastoral e missionária (cf. *HAC* 58, 2). Agora, necessitamos de entrar numa nova fase, mais aberta e criativa. O diálogo assume diversas formas: diálogo como *presença* (vivendo, mais que fazendo), diálogo *inter-religioso e intercultural*, que promove a paz e a reconciliação; diálogo *com a Criação*, que nos leva à conversão ecológica. Neste intercâmbio, vivemos o anúncio e a denúncia que fazem parte da profecia. Um colóquio que estendemos também ao novo continente digital e às gerações jovens, para que evangelizem e sejam evangelizados. Somos homens que ardem em caridade: “O diálogo é o novo nome da caridade” (*VC* 74).
61. Quando o diálogo resultar difícil, a oração, a intercessão, a paciência, a misericórdia e a humildade, fortalecerão a nossa esperança, com a qual o Espírito levará a cabo a sua obra nos demais e em nós.
62. O diálogo profético com todos rasga-nos novos horizontes, proporciona-nos possibilidades insólitas e fornece-nos novos impulsos e energias para uma missão mais criadora, imaginativa e inovadora.
63. Por isso, pretendemos:
- 1) *Fazer do diálogo o nosso estilo de vida e meio de evangelização*, para que configure as nossas palavras, obras, ministérios e modos de viver.
 - 2) Abrir-nos cordialmente às *novas ideias*, com especial atenção às que provêm das gerações jovens, tratando de compreender as suas circunstâncias, culturas e modos de ser, para discernir e responder adequadamente, e assim favorecer a “mística do encontro”. Para isso, é necessário inculturar-se, superar preconceitos, medos e defesas.
 - 3) Impulsionar o *diálogo ecuménico, intercultural, inter-religioso e social*, promovendo a reconciliação, o perdão e a paz⁵⁰.
 - 4) Pensar a formação - inicial e contínua - na perspectiva do *diálogo profético e da imaginação criadora*.

⁴⁹ Cf. *Carta a Don Giovanni Brunelli* (Vic, 12 de agosto de 1849): *EC* I, 305.

⁵⁰ Cf. *Ecclesia in Africa* 105.

III

PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO

“Cearei com ele e ele Comigo.

Ao vencedor conceder-lhe-ei que se sente Comigo no Meu Trono” (Ap 3, 20-21)

64. Com a sensibilidade espiritual e carismática que nos foi concedida, e em fidelidade aos traços que ressaltamos, poderíamos nós fechar a nossa porta a quem nos chama, através do grito da mãe Terra, do clamor dos pobres, da justiça, das vítimas da violência, do esquecimento de Deus?
65. Propomo-nos ser, com Jesus, uma Congregação “em saída” (cf. *Mc* 1, 38), que acolhe o apelo da Igreja à conversão pastoral-missionária e ecológica. Comprometemo-nos a formar, sob a moção do Espírito, comunidades de testemunhas e mensageiros. Preocupar-nos-emos por ser homens de profunda espiritualidade que, dóceis à recomendação do Papa Francisco e da Congregação, adoramos o nosso Deus Pai, “em espírito e verdade” (cf. *Jo* 4, 23), e acolhemos os processos de transformação que o Espírito nos inspira. Queremos ainda viver tudo isto a partir da alegria, que nasce de Deus (cf. *Aut* 444, 754) e que Maria, nossa mãe, experimentou (cf. *Lc* 1-2), e que faz parte do acolhimento do Evangelho⁵¹. Não haverá privações e adversidades (cf. *CC* 9, 44) que nos impeçam de viver e proclamar as bem-aventuranças de Jesus⁵². O Espírito do nosso Pai e da nossa Mãe falará por nós⁵³.

“CONGREGAÇÃO EM SAÍDA”

66. A exemplo do nosso Padre Fundador (cf. *Aut* 270-271), também hoje Santa Maria do Pentecostes - fogo e coração - nos provoca⁵⁴ e impele nesta caminhada, elimina o nosso medo e inércias, e nos lança a proclamar o Evangelho em novos cenários e periferias. Para que o Cristo total nasça e cresça através da dramática história humana, a fim de que sejamos testemunhas da compaixão e da misericórdia, e irmãos ecumênicos do mundo.
67. O nosso **objetivo missionário**, neste sexénio, será: caminhar, abrir fronteiras de toda a espécie, inclusivamente as do pensamento, e buscar novos caminhos. Para tal:
- 1) Encorajaremos uma verdadeira *conversão pastoral*: abandonando o que possa ser obsoleto, e optando em toda a Congregação, em cada Organismo e comunidade, segundo o contexto real, por iniciativas imaginativas e inovadoras de evangelização, que nos levem às periferias humanas (exclusão, violência, injustiça, catástrofes, perda do sentido da vida) e aos novos cenários do diálogo profético (inter-religioso, interconfessional e intercultural).
 - 2) Incluiremos na nossa evangelização - partilhada com outros e como dimensão incontornável - a *defesa e o cuidado da vida, da família, das culturas, dos povos e da Criação*.
 - 3) Contribuiremos para a *multiplicação de líderes evangelizadores*, em ordem a uma Igreja em saída, inclusiva, participativa e corresponsável. Qualificaremos e coordenaremos ainda melhor os espaços educativos e formativos de que já dispomos: centros de teologia, Institutos de teologia da vida consagrada, plataformas de formação online, projetos de formação de educadores e de agentes de pastoral, etc.

⁵¹ Cf. *Act* 2, 46; 4, 33; 5, 41; 8, 8; 8, 39; 11, 23; 16, 34...

⁵² Cf. *CC* 4; *Aut* 213.

⁵³ Cf. *Mt* 10, 20; *Aut* 687.

⁵⁴ Recolhemos, neste parágrafo, as palavras inspiradas na oração que o P. Pedro Casaldáliga compôs, ao contemplar a pintura que preside à capela da nossa Cúria Geral. A oração encontra-se no final desta declaração.

- 4) Fomentaremos uma *oportuna e eficaz resposta às urgências evangelizadoras* - dos diversos lugares e âmbitos em que nos encontramos - para não ficarmos estáticos, e revermos as nossas posições apostólicas.
- 5) Buscaremos maneiras eficientes *de mobilizar, coordenar e animar* - no conjunto da Congregação e nos diversos continentes - os objetivos e ações da Procuradoria Missionária, do Secretariado de JPIC e da nossa presença em ONGs e na Organização das Nações Unidas.
- 6) Impulsionaremos *compromissos de acolhimento e de acompanhamento das pessoas e de grupos empobrecidos e excluídos*, promovendo processos de inclusão e de transformação social.
- 7) *Formaremos pessoas e equipas* (que conheçam as possibilidades e os limites das tecnologias da informação e da comunicação, TICs), para evangelizar através dos meios de comunicação. Daremos novo impulso também à coordenação dos editores claretianos.

68. O nosso objetivo, quanto à **evangelização das gerações jovens e da sua preparação para responder aos chamamentos de Deus** durante este sexénio, será: sair ao seu encontro, caminhar com eles e possibilitar que escutem os apelos de Jesus. Para obter tal fim:

- 1) Procuremos que cada Organismo conte com os recursos pessoais e estruturais necessários, para que a *pastoral das gerações jovens e a pastoral vocacional específica* estejam bem atendidas e articuladas. Para facilitar esse propósito, o Governo Geral elaborará critérios e dinamismos para toda a Congregação, a partir dos traços carismáticos sublinhados por este Capítulo Geral.
- 2) Levaremos muito a sério a *preparação humana, teológica, pastoral e espiritual dos agentes da evangelização dos jovens*, procurando que estejam melhor capacitados para sair ao seu encontro, responder criativamente às suas perguntas, acompanhá-los sabiamente no seu itinerário e sensibilizá-los profeticamente nas suas decisões.
- 3) Promoveremos a *criação de grupos e comunidades de adolescentes e jovens*, em que lhes sejam oferecidos roteiros de fé, discernimento vocacional e compromisso cristão e apostólico.
- 4) Responsabilizar-nos-emos, todos e cada um, por *fomentar as vocações* (cf. CC 58). Suscitaremos uma autêntica cultura vocacional, em que nos interpele verdadeiramente a Palavra de Deus e o contexto humano, se apresentem clara e atrativamente as diversas formas de vida cristã e se proponha, de modo mais explícito, a nossa vocação missionária de “Filhos do Imaculado Coração de Maria”, nas suas diversas formas e modos (cf. CC 7).

SENDO COMUNIDADE DE TESTEMUNHAS E MENSAGEIROS

69. Ser comunidade é um verbo, e não só um nome. É ação e processo. É uma graça que há que suplicar, cuidar e deixar crescer, e não apenas uma conquista do nosso esforço. Como filhos do *coração*, não teremos de colocar um grande empenho em ser comunidades “de um só coração” e “de uma só alma”, em que partilhemos os nossos bens espirituais e materiais, gozemos da simpatia do povo, e Deus agregue a nós novos membros (cf. *Act 2, 44-47*)? Ser comunidade é possível, quando acolhemos a presença do Pai e da Mãe que nos irmanam (cf. *Aut 609*), do único Mestre que nos faz discípulos e nos alegra com a sua Presença, e do amor do Espírito que se derrama em nossos corações. Só, então, a nossa missão se torna credível (cf. *Jo 17, 21*).

70. O nosso objetivo, **para crescer como comunidade missionária** neste sexénio, será: redescobrir o gosto de viver em comunidade, que é a casa e a escola de comunhão, dá testemunho da primazia de Deus e é ela mesma anúncio do Evangelho. Para isso:

- 1) Fomentaremos entre nós *atitudes de apreço e amor mútuos, de interesse pelo que o outro é e faz*. Assim surgirão ambientes comunitários sãos, em que o diálogo flua, a graça se comunique, a liberdade e a confiança se expandam, a alegria do Evangelho contagie, o perdão e a reconciliação nos restaurem, e nada nem ninguém (por exemplo, o abuso dos meios de comunicação e das novas tecnologias ou de outros interesses) nos isolem.
- 2) Esforçar-nos-emos para que *cada comunidade se insira - segundo o nosso carisma - na Igreja local*, esteja aberta a colaborar em projetos supradiocesanos, e se encarne no meio social, cultural e cidadão em que habita, para transformar a realidade segundo o desígnio de Deus e oferecer a nossa generosa e qualificada colaboração, solidariedade ou ajuda (cf. CC 6, 46).
- 3) Insistiremos para que *cada comunidade elabore o seu projeto comunitário (visão, missão e vida), com espírito de discernimento, oração e “entre todos”*. Respeitando a intimidade comunitária, poderá ser oportuno, às vezes, contar com outras pessoas, com quem partilhamos a missão e o carisma. Dedicar-se-á a isso o tempo necessário, que terá prioridade sobre quaisquer compromissos. O projeto será revisto e avaliado periodicamente.
- 4) Faremos com que *a conversão pastoral seja uma preocupação fundamental nas nossas comunidades*. Para tal, colocaremos sob o discernimento comunitário os nossos compromissos apostólicos e o nosso envolvimento na vida fraterna, para que ambos se harmonizem e correspondam às orientações deste Capítulo.
- 5) Animaremos em toda a Congregação, sob a responsabilidade do Governo Geral, *uma reflexão interdisciplinar sobre a vida comunitária*, realizada a todos os níveis (local, de cada Organismo e global).

71. O nosso objetivo para o próximo sexénio, no tocante à **economia da nossa Congregação, aos Organismos e comunidades**, é: crescer em comunhão de bens, em solidariedade e ser expressão de uma Igreja pobre e que evangeliza os pobres, ao estilo de Claret. Para tal:

- 1) Redescobriremos *a alegria de ser pobres como Jesus* (cf. CC 23, 26), conformando cada vez mais os nossos estilos de vida, de organização e de atividade económica, com a pobreza evangélica missionária, que torna credível a nossa evangelização e dá testemunho de solidariedade e de confiança na Providência.
- 2) Adotaremos medidas e *desenvolveremos programas para selecionar e formar ecónomos locais e provinciais, e administradores de obras*, implicando nos mesmos as Conferências interprovinciais.
- 3) Tomaremos *medidas para que os Organismos maiores programem a sua economia com previsão* (num horizonte que ultrapasse o orçamento anual), maior transparência e competência, e se dotem de uma panóplia de recursos, que sustente os seus ministérios nas periferias e lhes permita apoiar os de outros Organismos, sob a coordenação do Governo Geral (cf. Dir 582).
- 4) Habilitar-nos-emos dos *instrumentos e estilos de organização adequados para facilitar a coordenação dos bens* de toda a Congregação, em benefício da sua missão universal.

72. O nosso objetivo, a respeito do **governo da nossa Congregação** neste sexénio, é fazer com que aqueles que exercem o serviço da autoridade discirnam e atuem “segundo o coração de Deus”, acompanhem as pessoas, favoreçam sinergias missionárias e promovam a criatividade e a inovação que o Espírito requer em cada momento e lugar. Para tal:

- 1) Estimularemos *um governo partilhado, compassivo, inspirado em Jesus e nas atitudes do Coração da Maria*. Para tal, asseguraremos a qualificação e o acompanhamento daqueles que vão exercer os serviços de animação e potenciaremos o papel das Conferências interprovinciais.
- 2) Fomentaremos *os destinos, em ordem a estimular ou reforçar a missão universal da Congregação* - em diálogo estreito com o Governo Geral e os Superiores Maiores - já a partir da formação, e elaboraremos programas que melhorem a preparação daqueles que vão ser destinados e o melhor acolhimento por parte dos Organismos e das comunidades que os vão receber.
- 3) Exploraremos *novos métodos e maneiras de organizar, tanto os nossos Capítulos Gerais e Provinciais*, nas suas diversas fases (preparação, realização, avaliação), como *as Conferências interprovinciais*.
- 4) Concluiremos *os processos de reorganização* iniciados e consolidaremos os já realizados, conforme os critérios assinalados pelos últimos Capítulos Gerais.

ADORADORES DE DEUS NO ESPÍRITO

- 73.** Na forja do seu Coração, Maria, cúmplice do Espírito, ensina-nos a proclamar “a grandeza do Senhor” e a “alegrar-nos em Deus, nosso Salvador” (cf. *Lc 1, 46*). *Como primeira discípula*, ensina-nos a escutar a Palavra (cf. *Lc 1, 38*), a guardá-la no coração (cf. *Lc 2, 19*) e a prover às necessidades dos que não têm vinho (cf. *Jo 2, 3*). *Como mãe junto à cruz*, configura-nos com Jesus (cf. *Jo 19, 26*) e ora connosco para que venha o Espírito (cf. *Act 1, 14*) e chegue a vitória definitiva contra o Mal que tenta destruir a criação de Deus (cf. *Ap 12*). Por isso, um Filho do Imaculado Coração de Maria pensa apenas em “seguir e imitar Jesus Cristo, na oração, no trabalho, no sofrimento e na busca constante da maior glória de Deus e da salvação dos Homens” (CC 9).
- 74.** O nosso objetivo, no capítulo da **espiritualidade** para o próximo sexénio, é: avançar, entusiastas, no caminho do Senhor e proclamar, com a nossa vida e missão, a supremacia de Deus, seguindo a rota da vida espiritual do nosso Fundador, refletida na Autobiografia. Para tal:
- 1) Desenharemos e levaremos a cabo - guiados pelo Governo Geral - um *itinerário formativo e espiritual* que ajude todos os claretianos, pessoal e comunitariamente, a conhecer e a viver, com profundidade e paixão, o nosso belo património espiritual.
 - 2) Cuidaremos muito especialmente *da escuta vocacional e partilhada da Palavra de Deus*, sobretudo na Eucaristia e na Liturgia das Horas, ao longo de todo o ano litúrgico.
 - 3) Utilizaremos uma pedagogia que nos leve, enquanto pessoas e comunidades, a ser *adoradores de Deus, em espírito e verdade* (cf. *Jo 4, 20-24*) e a mostrar, assim, o vazio de qualquer tipo de idolatria.
 - 4) Elaboraremos *projetos pessoais que estimulem o nosso progresso na vida missionária*; buscaremos momentos para dialogar sobre eles em comunidade e fomentaremos o acompanhamento espiritual.
 - 5) Estimularemos *a vivência gozosa do dom recebido (laical, presbiteral ou diaconal)*, aprofundá-lo-emos, ressaltaremos - na espiritualidade e na formação - a nossa comum vocação de missionários e de religiosos, e rezaremos para que o Senhor envie operários para a sua messe.
 - 6) Participaremos mais ativamente *no caminho espiritual das comunidades cristãs e dos grupos humanos* com que partilhamos a vida, e na religiosidade popular, criando espaços e tempos que propiciem esta participação, que é para nós fonte de espiritualidade.

7) Continuaremos a levar por diante *as experiências da Frágua*. Fomentaremos a realização da *Frágua residencial*, nas diversas áreas geográficas e nas várias línguas, e a participação de todos na mesma, em momentos especiais da vida.

75. O nosso objetivo, a respeito da **formação** - tanto inicial como permanente - para o próximo sexénio, é: progredir e crescer como discípulos, chamados pelo Mestre para estar com Ele e ser enviados como suas testemunhas e mensageiros, a fim de nos sentirmos transformados, como o nosso Padre Fundador ao longo da sua vida. Para tal:

- 1) *Faremos a revisão do Plano Geral de Formação*, de acordo com os nossos traços carismáticos e as interpelações do nosso tempo, e articularemos a formação (inicial e contínua) como processo verdadeiramente transformador.
- 2) *Incutiremos qualidade ao acompanhamento na formação inicial*, assegurando o encontro de cada formando com o seu formador, para facilitar o discernimento e o crescimento vocacional. O encontro realizar-se-á pelo menos uma vez por mês, no caso dos professos temporais, e com mais frequência, nas etapas prévias da formação. Organizaremos oficinas e programas específicos, com o objetivo de capacitar os formadores para tal acompanhamento.
- 3) Reforçaremos, em todos os processos, centros e etapas formativas, os dinamismos que preparam para a convivência intercultural, a inculturação e o compromisso com *a missão universal da Congregação*. Consolidaremos os centros formativos interculturais existentes, e trataremos de ampliar o seu número e a presença de formadores de diversas procedências.
- 4) Configuraremos as *comunidades formativas*, testemunhas e mensageiras do Evangelho, de modo a estarem comprometidas com o processo formativo.
- 5) Procuraremos que *os formadores realizem a sua tarefa, livres de outras ocupações* que os impeçam, total e jubilosamente, de estar entregues a esse múnus, como parte muito importante da única e comum missão claretiana (cf. CC 77).
- 6) Procuraremos *melhorar as iniciativas de formação dos formadores, já em curso* (especialmente a Escola de Formadores “Coração de Maria”), e organizaremos, em diversas línguas, outros programas intensivos, que favoreçam o acolhimento, a compreensão e o acompanhamento das novas gerações.
- 7) Manteremos a iniciativa “*Encontro com Claret*”, e estudaremos o arranque de outros programas de renovação.
- 8) Dedicaremos tempo e esforço à nossa *atualização bíblico-teológica e ao conhecimento das circunstâncias sociais e políticas dos nossos dias*, procurando oferecer serviços missionários à altura dos tempos (cf. CC 56, 74).

Conclusão

Chegou até aqui o discernimento capitular. É fruto de um desejo e de uma oração: situar-nos na “sala de cima” (cf. *Act* 1,13), o Cenáculo do Espírito, e, com Maria nossa Mãe, sempre no meio de nós, escutar as interpelações de Deus ao nosso mundo, dar relevo àqueles traços com que o Espírito nos identifica, deixar que o seu fogo nos vá transformando e o seu vento nos torne Congregação em êxodo para as periferias do mundo. Se formos fiéis à vocação recebida, seremos felizes e transmitiremos - com o nosso próprio carisma - a alegria do Evangelho.

Desejamos que este documento seja acolhido como um vídeo que tenta captar, em poucas imagens, o intenso processo de discernimento, orado, partilhado e referendado por todos.

Os capitulares constituímos apenas três por cento da Congregação. Refletiu-se em nós uma admirável variedade de línguas, povos e culturas. Uma vez mais, comprovámos que é possível o diálogo fraterno intercultural, e que, através de gestos de proximidade e pertença mútuas, qualquer barreira se pode superar. Uma Congregação unida nada teme.

Impele-nos um forte desejo de mudança, que se exprime na conversão pastoral - missionária e ecológica - a que nos chama a Igreja de hoje, e na decisão de deixar a nossa comodidade para nos convertermos numa “Congregação em atitude de saída”.

Recebemos um património carismático, que nos fortalece cada vez mais e nos faz descobrir a nossa razão de ser nas Igrejas locais, na Igreja mundial e na sociedade.

O Coração de Maria, tão formosamente evocado na pintura que preside à capela da nossa Cúria Geral, é a nossa grande inspiração. Com Maria, *saiamos à rua, caminhemos juntos, acompanhemos e adoremos! Somos missionários!*



A SANTA MARIA DO PENTECOSTES

Ficou consignado na Cruz todo o mistério
daquele Amor maior que nos liberta.
Todos os povos podem ser irmãos,
entre a oliveira e o milho distantes,
convertendo-se numa mesma Eucaristia.

Verde é a esperança da Terra,
apesar das sombras da morte,
e todas as mãos são
- as de todas as cores -
as mãos de teu Filho,
feridas pela pobreza ou pelo pecado,
pedindo e oferecendo o Evangelho.
Ícone da Igreja missionária,
o teu Coração encima a Chama Viva,
e a Palavra marca o ritmo dos teus pés descalços.

Agasalha-te a Promessa, luminosa
como um escudo firme,
mas espicaçam-te a Missão e o Martírio.
No meio da Cruz e da Glória,
tu cumpres a tua obrigação
para com o teu Filho e teus filhos,
ó peregrina do Reino.

Nunca desistas, Mãe!
Tu és sempre Mãe, Mãe agora
desse Cristo total que nasce e cresce
através da dramática história humana.
Mãe da palavra e sua discípula,
mestra da escuta e do serviço,
Cenáculo materno da Igreja:
nunca retrocedas, ó Mãe!

Acelera o passo dos doze,
apressa o dos setenta,
que permanecem aturdidos,
talvez devido à investida
do vendaval de Deus!

Abre-nos os ouvidos e os olhos,
expulsa de nós o medo e as inércias.
Dá-nos um coração de carne e de crisma,
reveste-nos de alegria e de ousadia,
empurra-nos para o Vento que te conduz,
como testemunhas de teu Filho,
diáconos da Páscoa, servidores,
irmãos ecuménicos do mundo!

(Pedro Casaldáliga)

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS MEMBROS DO XXV CAPÍTULO GERAL

Queridos Missionários Claretianos:

Bem-vindos! É para mim uma alegria imensa poder ter este encontro convosco. Agradeço ao Superior Geral, Padre Mathew Vattamattam, as suas amáveis palavras, expressão da sua comunhão eclesial, e desejo-lhe um fecundo serviço na responsabilidade que os seus irmãos lhe confiaram.

«*Testemunhas e mensageiros da alegria do Evangelho*» é, segundo me informaram, o tema que centra o vosso discernimento capitular. «Testemunhas», porque a alegria não se pode comunicar se não está presente e profundamente enraizada, tanto na própria vida como na da comunidade. «Mensageiros», porque o bom tem de ser partilhado e a alegria, ao ser difundida, purifica-se e multiplica-se, tornando-se verdadeiramente «evangélica».

Que rosto da Congregação descobristes, através da análise capitular? Neste exercício de discernimento, de que forma vos sentistes interpelados pela voz do Espírito? Um caminho seguro para discernir as suas interpelações é ficar à escuta das diversas periferias do nosso mundo. Nelas, a sua voz ressoa com maior clareza. Isto adquire maior importância numa Congregação missionária, como a vossa.

Estamos a celebrar o Ano da Vida Consagrada. Por este motivo, enviei uma carta a todos os consagrados, em que os convidava a *olhar o passado com gratidão, viver o presente com paixão e abraçar o futuro com esperança*. Repito-o agora, de novo, a vós. Quando, no centro da nossa vida, mora Jesus, somos capazes de testemunhar e de comunicar a alegria do Evangelho.

Fazer «*memória agradecida do passado*» é dar graças a Deus pelo testemunho de muitos dos vossos irmãos que, sustentados pela fé, viveram com profunda alegria a sua vocação, alguns deles até ao martírio. É também reconhecer a misericordiosa mão do Senhor que, apesar da nossa debilidade e da nossa inconstância, continua a operar maravilhas no meio do seu Povo.

«*Viver o presente com paixão*» é fundamentar o vosso programa missionário no espírito de santo António Maria Claret, que escolheu como lema do seu escudo episcopal ‘*Caritas Christi urget nos*’. Amar, como Jesus amou, deve plasmar cada uma das nossas opções vitais e pastorais.

«*Abraçar o futuro com esperança*» significa não se deixar arrastar pelo desânimo. Não ter medo. É o Senhor quem nos envia. Ponde sempre os olhos naqueles que estão à espera do anúncio, nos que necessitam do vosso testemunho para sentir a presença misericordiosa de Deus nas suas vidas.

Agradeço-vos a vida e o trabalho missionário que desempenhais. Fazei chegar, por favor, a minha saudação a todos e a cada um dos vossos irmãos, em particular àqueles que, por doença ou pela idade avançada, colaboram agora com a sua oração e o seu testemunho na missão congregacional. Cuidai dos que estão na formação inicial: ajudai-os a interiorizar os valores que o vosso Fundador vos propôs, como garantia de fidelidade ao carisma, com que o Senhor abençoou a sua Igreja através dele. E levai também a minha saudação a todos os leigos, com quem partilhais a vida e missão.

Santo António Maria Claret, como fundador, outorgou-vos um título belo: «Filhos do Coração de Maria». Permite que todas as dimensões da vossa vida sejam profundamente marcadas por esta «cordialidade», que inspirou a Maria o harmonioso canto do *Magnificat*; e exprimi a maternidade da Igreja, mãe misericordiosa, que nunca se cansa de esperar, acompanhar e perdoar. A Maria vos

confio e por Ela vos abençoo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim, pois o necessito deveras.

Franciscus

ÍNDICE

Siglas

INTRODUÇÃO: SOMOS MISSIONÁRIOS!

I. INTERPELAÇÕES DE DEUS NO NOSSO TEMPO

O grito da mãe Terra
O clamor dos pobres e da justiça
O sonho de paz e a reconciliação
O sentido da vida e o seu cuidado
O novo continente digital e tecnológico
Uma Igreja em saída
No povo dos muitos rostos e carismas
A sedução do Espírito
A graça de ser comunidade missionária
A fidelidade à vocação missionária claretiana

II. TRAÇOS CARISMÁTICOS NA MISSÃO

Missionários “com Espírito”
Ouvintes e servidores da Palavra de Deus
Missionários em comunidade
Enviados a evangelizar e a escutar os pobres
Com toda a Igreja e com aqueles que buscam a transformação do mundo
Abertos a todo o mundo em diálogo profético

III. PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO

“Congregação em saída”
Sendo comunidade de Testemunhas e Mensageiros
Adoradores de Deus no Espírito

CONCLUSÃO

A Santa Maria do Pentecostes

Discurso do papa Francisco aos membros do XXV Capítulo Geral

Índice